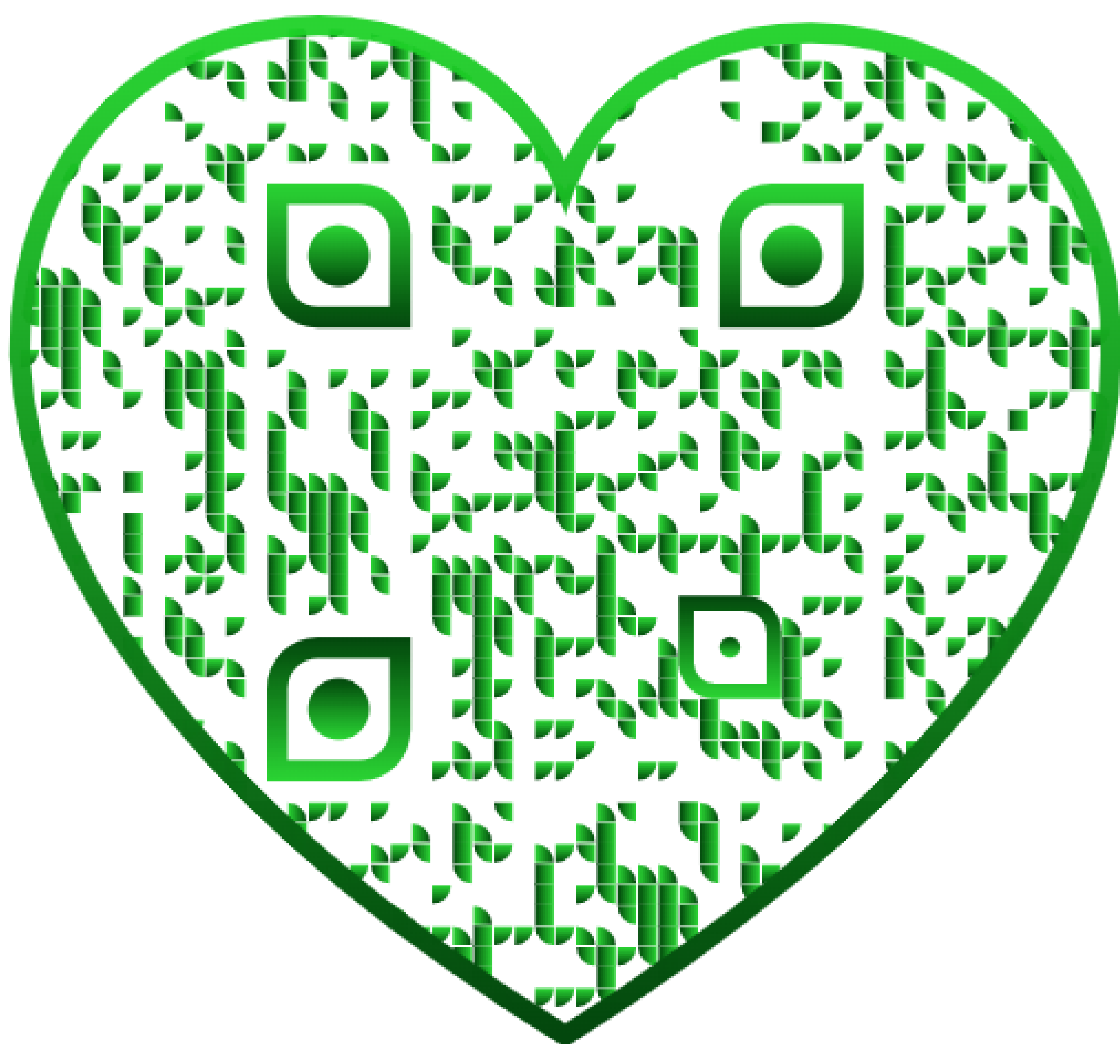
# ISTO NÃO É UM LIVRO DE MATEMÁTICA

ANDRÉ CANIATO



# ISTO NÃO É UM LIVRO DE MATEMÁTICA

UM CONTO
de

André Caniato

***

Publicado originalmente como *:):* na coletânea *Nós estamos aqui: histórias da juventude*. São Paulo: Draco, 2014.

Copyright © 2017 André Caniato

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial sem a autorização prévia do autor.

# Isto não é um livro de Matemática

O tempo demora mais para passar quando estamos esperando alguma coisa: essa é uma das verdades absolutas da vida. Outras verdades absolutas: flocos é o melhor sabor de sorvete e os Monkeys são a melhor banda do mundo. E Matemática é um saco. Pronto, quatro verdades absolutas, mais umas duas e já posso escrever autoajuda.

É por causa de uma dessas verdades que estou escrevendo aqui, aliás. Para ser mais específico é por causa da quarta, a da Matemática. Como eu odeio Matemática! Não sei por que me obrigam a ficar aqui três dias por semana aguentando o Paulão se o que quero mesmo é ser escritor — não preciso de Matemática para escrever livros, preciso? A não ser que, né, eu escreva um livro de Matemática, mas isso não vai acontecer. Se bem que a verdade é que ando desistindo dessa ideia de ser escritor e me acostumando mais com a perspectiva de ser professor, mesmo. Ou um pesquisador de livros… existe isso? De qualquer forma, nenhuma dessas coisas tem relação direta com números.

O que eu queria mesmo, de verdade, é que o tempo passasse mais rápido. Pensei que ajudaria se eu começasse a escrever em vez de prestar atenção, mas não sei.

Motivos para querer chegar logo em casa: almoço, cama, computador, Vitor. Não necessariamente nessa ordem. Talvez o Vitor seja o maior motivo. Ainda não consigo acreditar que a gente se conhece há menos de uma semana e eu já quero tanto assim passar o tempo com ele. Acho que estou me apaixonando, sei lá. Existe isso? Apaixonando? No processo de se apaixonar? Preciso me lembrar de nunca mostrar isso aqui para ele — não tão cedo, pelo menos. As pessoas se assustam quando se apaixonam por elas. Não entendo isso, de verdade. Acho que ficaria feliz se alguém se apaixonasse por mim — lisonjeado, até. E as chances de eu me apaixonar de volta pela pessoa também só aumentariam depois de uma declaração. Não que as chances de alguém se declarar para mim sejam grandes, mas é uma hipótese. É assim que eu penso, mas, pelo jeito, sou diferente de outras pessoas.

A minha irmã deu um pé no Jorge quando ele disse que a amava no segundo encontro. Perguntei por que e ela me ignorou. Ela é minha irmã mais nova! Eu é quem deveria ignorar ela! Frustrações, frustrações.

O que ela diria se eu contasse que estou apaixonado — ou me apaixonando — pelo Vitor? Depois do choque de descobrir que o irmão mais velho é veado, claro. Sempre tem esse choque. Acho que nem a Letícia se recuperou ainda, e

olha que já faz mais de um mês que contei. A Marina enlouqueceria, sei lá: contaria para o pai, ligaria para a mãe, seria um drama. Até já imagino as broncas: “Lucas, por que não contou isso antes, Lucas?” “Você sabia que não vai mais poder ter uma família? Gay não engravida, Lucas!” Risos. Isso nunca daria certo. Talvez seja mais fácil mudar o sexo do Vitor na história, criar uma Vitória, e, assim, pedir conselhos. Mas aí ela vai achar que é a Vitória, nossa vizinha, ou então não vai acreditar, mesmo. A verdade é que nunca fui muito namorador, então acho que falar sobre isso com a minha irmã mais nova (dois anos não é tão mais nova assim) seria estranho de qualquer jeito.

E o Vitor? Qual seria a reação dele? É triste pensar que não o conheço suficientemente bem para saber disso ainda. Não sei se ele pensa como eu, ou seja, se ficaria feliz, ou se é do grupo dos normais, as pessoas que acham que é cedo demais para isso e que essa é uma atitude digna de pé na bunda. Acho que vou perguntar para ele. Criar a hipótese. “E se alguém se apaixonasse por você em uma semana?” Óbvio demais? Imagina, Lucas.

exercícios 1 — 10 pg. 50

Sei que não é certo escrever durante as aulas, mas eu preciso praticar, e não tenho muito tempo em casa — com toda a internet e as séries e, claro, a lição de casa. Tento me organizar, mas é complicado. Quando era mais novo, criei uma agenda que dividia meus dias em vários horários, inclusive com duas horas inteiras dedicadas à escrita, mas não deu muito certo. Por isso, decidi que, a partir de ontem, vou escrever aqui mesmo, nas aulas de Matemática, Química e Física — e, às vezes, na de História, porque ninguém é obrigado. Ótimo. Vou me especializar em escrever desabafos. Quatro para você, Lucas! Vai, Lucas!

Talvez eu devesse parar de me justificar para um diário.

Falei com o Vitor ontem. Ele só foi entrar depois das 17h, quando chegou do trabalho, então fiquei um bom tempo na espera — tempo que aproveitei para me atualizar em umas duas séries. O Vitor está na faculdade, então os horários dele são completamente malucos: trabalha das 8h às 16h, acho, parando para o almoço, daí chega em casa, janta, toma banho *etc.* e fica um pouco na internet, vai para a aula, volta, fica mais na internet, dorme, acorda, vai trabalhar… e isso todo dia. Não sei se eu conseguiria, no lugar dele. Nós nos conhecemos em um sábado à noite, então tivemos uma noite inteira como primeira conversa. Foi bem legal.

A gente se conheceu em um fórum chamado PoPipoca, que é um fórum conhecido de filmes e afins. E eu gosto bastante de filmes e afins. E ele também. Começamos a conversar em um tópico do musical *Chicago*,

trocamos Facebook e pronto: Lucas indo dormir às 6h da manhã com um sorriso no rosto. Fiquei o domingo inteiro meio morto, meio vivo, mas, desde então, o Vitor está na minha vida — e disso não posso reclamar.

O Paulão acabou de brigar comigo porque eu não largava o celular. Acho que trocar mensagens com o Vitor não é tão sutil quanto escrever sobre ele. Então voltei para cá.

Ontem ele foi dormir tarde meio que por culpa minha. Acordei com uma mensagem dizendo que ele estava mortão e que eu era o único culpado *etc*. Tudo brincadeira, claro. Quero dizer, tinha um "haha" no final da mensagem, então chuto que seja brincadeira. Continuei a conversa como se fosse brincadeira. ~~Até agora me pareceu brin~~ Enfim, estamos, na medida do possível, nessa conversa desde que acordamos, às 7h30. Agora são 11h30. Estou começando a achar que ele gosta de mim, também. Não que alguém tenha gostado de mim antes, mas me parece uma possibilidade.

Ele me manda um beijo quando se despede. O que é normal, já que nós dois somos gays e não temos que nos preocupar com a "masculinidade perdida", mas para mim é sempre um acontecimento especial porque nenhum outro cara faz isso.

exercícios 1 — 20 pg. 60
exercícios 22-40 pg. 61

Às vezes paro e penso que não sei por que ninguém nunca se interessou por mim — mais do que às vezes, na verdade, mas essa é a primeira em uma aula de Química, juro. Sério. Não sou feio, sou normal — normal até demais. Mas não, sério, não tenho mais tantas espinhas — a fase crítica foi há um ano e meio —, meu cabelo é curto e não tem uma cor chamativa nem nada do tipo, eu me visto como qualquer outra pessoa… "O que aconteceria se eu acordasse meio *glam rocker*, meio ídolo de k-pop e viesse assim na escola": um experimento a ser feito.

O Vitor é bonito de verdade. Cheguei a achar que não era ele quando vi as fotos. Ele é japonês — o sobrenome dele é Ishii, não estou nem brincando —, então achei que tivesse pegado fotos de algum ator ou coisa do tipo, alguém que não fosse igual a todos os outros, mas não, é ele mesmo — vi na webcam esses dias. Ontem, antes de dormir, mandei alguns versos de *Suck It and See* para ele. Não me respondeu ainda. Estou com medo de não ter gostado.

> *You're rarer than a can of dandelion and burdock, and those other boys are just post-mix lemonade.*

Não queria ter mandado, mas foi mais forte que eu. Talvez ele ainda não tenha visto. Meu deus, se eu ficar mais brega que isso eu me mato.

*I poured my aching heart into a* caderno de dez matérias.

~~*be cruel to me 'cause I'm a fool for you*~~

O Vitor me respondeu com um trecho de *Black Treacle* e agora vou dormir com um sorriso no rosto.

**Vitor:** *And you talk the talk alright, but do you walk the walk or catch the train?*

**Eu:** Eu quero *walk the walk*

**Vitor:** hahahha vai dormir, lucas

Quando parei para escrever antes de dormir, percebi que estou usando isso aqui mais como um diário mesmo do que qualquer outra coisa. O que, em si, não é uma coisa ruim, mas é estranho — eu nunca tive um diário na vida, nem quando criança, nem quando estava "me descobrindo". Morria de medo de alguém ver e ARRÁ.

Não consegui falar com o Vitor ontem. Acabei passando a tarde na casa da Letícia e, quando cheguei em casa, ele estava off-line. Acho que foi por isso que fiquei tão empolgado com aquela pequena troca de mensagens. Aliás, aproveitei para mostrar as anotações (o "diário") para ela — ela sempre foi minha leitora beta, então mostras as coisas para ela acabou se tornando uma ação natural. A reação foi melhor do que eu pensei que seria. Acho que o tempo entre a "revelação" e ontem a ajudou a aceitar as coisas. Mas aí, quando pedi uma opinião ou uma dica, ela admitiu que é complicado, mas meio que deu de ombros. Bom, melhor que nada, por enquanto. Não posso querer que ela me abrace e deseje felicidades ao futuro casal (ainda).

> *Foi a partir da Revolução Industrial, no século XVIII, que a burguesia começou a ocupar um espaço maior na sociedade. Nas últimas décadas desse século, as ideias do liberalismo emergente levaram ao surgimento, na Inglaterra e na Alemanha, de autores que iam num sentido contrário ao da racionalidade, que era a norma da arte vigente na época. Esses autores preferiam enfatizar o nacionalismo e se identificavam com a sentimentalidade do povo, e foram essas a ideias que deram origem ao Romantismo.*
> *No Brasil, o Romantismo teve como marco a publicação de "Suspiros poéticos e saudades", de Domingos José Gonçalves de Magalhães, em 1836.*

Ha. Ha.

Decidi tomar vergonha na cara e separar umas páginas só para isso aqui.

Daqui a pouco eu já estaria tomando toda a última matéria do caderno, e aí não seria legal. Já tem pouco espaço com a Lúcia, que é a penúltima, querendo que a gente COPIE todos os poemas importantes do movimento literário da vez.

Sábado teve uma festa e eu fui. Fui e bebi. 18 anos e a minha primeira ressaca — e meu primeiro beijo com um menino. Ele não é da escola e não lembro o nome. Até aí tudo bem — normal, pelo que me disseram —, só que eu fiquei incomodado com uma coisa: estou me sentindo culpado. Aliás, estou me sentindo culpado e estou me sentindo mal por estar me sentindo culpado. Faz sentido? Eu sei que não tenho nada com o Vitor, e suponho que ele também fique com alguém por lá, mas não estou conseguindo parar de pensar que eu "traí" ele.

No mais, a festa foi legal. Não lembro de muita coisa, anyway. Pelo menos não vomitei e meus pais não ficaram sabendo de nada. Vitória.

**Eu:** Podemos conversar?

**Vitor:** a gente já tá conversando

**Eu:** É sério…

**Eu:** É assunto sério, digo

**Vitor:** sou todo ouvidos

**Eu:** Eu gosto de você

**Vitor:** eu tbm gosto de vc

**Eu:** Não, tipo

**Eu:** Não como pessoa

**Eu:** Eu gosto de você como pessoa também, não é isso!

**Eu:** Mas eu gosto de você como namorado

**Eu:** Não namorado

**Eu:** Não precisa ser namorado

**Eu:** Droga

**Eu:** Como menino

**Eu:** Eu sou um menino gay e gosto de você, outro menino

**Eu:** Socorro

**Eu:** Desculpa

**Vitor:** lucas

**Vitor:** vc sabe que a gente não pode fazer nada sobre isso agora n sabe?

**Vitor:** a gente tá longe, daqui a pouco vc vai pra faculdade

**Vitor:** pra facul

**Vitor:** ah q droga

**Vitor:** vou te ligar

E aí ele me ligou.

Acho que pessoas se sentem mais íntimas com ligações. Não sei dizer. Eu nunca atendo, mas atendi porque era o Vitor e porque, bom, porque a gente estava no meio de uma conversa, né? Ele podia muito bem ter chamado na webcam, daí a gente conversaria normalmente, como já havíamos feito várias vezes. Mas acho que as pessoas se sentem mais íntimas com ligações. Não sei.

Conversamos por horas e acabou que nem chegamos a tocar no assunto Importante. Foi papo furado, só. E então percebi por que gosto tanto desse menino… A gente combina demais! Acho que já disse isso. Não sei se demorei muito para perceber ou se só não tinha parado para pensar no assunto, mas ele é a minha alma gêmea.

Ou uma versão menos dramática disso.

Será que algum dia ele vai ler tudo isso que eu escrevo?

Querido diário.

Estou me dando o luxo de ser brega para compensar o tempo que fiquei sem escrever. Minha vida andou uma bagunça nos últimos quinze dias, sinto muito — e acabou que fiquei sem tempo e sem vontade de escrever. Vou tentar resumir tudo o que aconteceu — “tentar” não é uma promessa de que vou conseguir.

Tirei uma nota muito, mas muito baixa em Matemática. Deve ter sido a nota mais baixa da minha vida. Por isso, parei de escrever naquela aula. Esse foi o primeiro fator. O segundo já foi mais complicado e de cunho mais pessoal: a Marina descobriu sobre mim. Não sei como, de verdade — ela não quis me dizer. Só sei que cheguei em casa no horário de sempre, do jeito de sempre, com a cara de sempre, e ela estava no meu quarto, sentada na cama, de braços cruzados e uma expressão meio Mona Lisa, meio *Poker Face*.

Perguntei o que era, ela pediu para eu fechar a porta. Parecia séria. Parecia triste. Parecia tudo, na verdade. Nem sei dizer o que ela parecia. Fiz o que ela pediu, já com medo, sabendo que algo havia acontecido, porque ela não estaria daquele jeito à toa. Acho que uma parte de mim sabia o que era, e essa

parte esperava um escândalo, lágrimas, qualquer coisa, menos aquele abraço. Depois, a internet me disse que é normal uma completamente diferente do que a que a gente esperava, principalmente com irmãos e amigos. E olha que, no meu caso, foi mais complicado com a Letícia. Pensando agora, eu deveria ter pesquisado sobre isso mais cedo. Então ela me abraçou, e me abraçou forte. Depois soltou e meu um tapa, daqueles leves, no ombro.

— Por que não me contou antes?

— Eu não sabia como você ia reagir… — Minha voz saiu mais baixa que o pretendido. Repeti: — Eu não sabia como você ia reagir.

— Tá louco? Até parece que não me conhece. Você vai contar pro pai e pra mãe?

Isso não estava nos meus planos.

Tudo me pareceu bem normal, como se fosse uma conversa sobre uma coisa qualquer. E talvez seja mesmo uma coisa qualquer.

Depois da conversa com a Marina, mandei uma mensagem para a Letícia e contei tudo, mas sem a dramatização que usei aqui. Isso foi na semana passada, acho, ou no finzinho da retrasada, não tenho certeza. E aí eu fui para o computador.

A última vez em que tinha falado com o Vitor tinha sido por telefone, no dia anterior. Três ou quatro horas de conversa jogada fora, cheia de risadinhas sem graça e tudo o mais. Prático, normal. Fiquei pensando naquilo a noite inteira, quase. Havíamos nos conhecido havia pouquíssimo tempo, e eu já estava daquele jeito. Pelo menos passei a aceitar a condição. Acho que estou pronto para dizer que estou, sim, apaixonado por ele e — por que não? — que quero me encontrar com ele algum dia. Ele também parece querer se encontrar comigo, então qual é o problema?

E foi naquele exato dia que o Vitor me confessou também estar confuso em relação aos sentimentos dele. Isso foi o mais próximo de um “eu te amo” que consegui, e foi bem mais do que eu poderia querer, então está ótimo. A gente ficou bem idiotinha fazendo planos e coisas bregas desse naipe, depois disso — não sabemos os nomes dos nossos filhos, mas sabemos que a casa vai ser azul. Ou verde. Pessoas decididas sempre.

Ontem o Vitor me ligou. Diz ele que vem para cá daqui a duas semanas. Acho que estou pirando ou coisa do tipo. Ele não vai ficar aqui em casa porque não cabe, mesmo, mas disse que acha que tem dinheiro para pagar as diárias do Ametista. Duas. Semanas. Já pode começar a contagem regressiva?

Por que todo hotel tem nome brega assim?

Bom, acho que é isso, né? Fiz questão de passar tudo a limpo, digitado, só pra você ler e ver que é tudo verdade o que eu contei (e não, não forjei nenhuma dessas coisas, espero que não esteja pensando isso — e já aviso que tenho os originais). Acho que sou meio louco. Sempre fui, pode ver, mas eu sou seu louco, olha que legal! Mudei um bocado, mas a pessoa é a mesma, acho. Espero que sim. Pelo menos, não sinto nada de diferente (e tenho certeza de que não tenho pares de braços a mais nem nada do tipo).

Sei que você vai gostar mais da coleção do Stephen King, mas resolvi fazer isso porque ser piegas é o máximo. E ser fofo também.

Eu tô sendo fofo, né?

Feliz aniversário de três anos de namoro.

Lucas

*And I can’t help myself, all I wanna hear you say is “Are you mine?” Well, are you mine?*

YES

# Um breve glossário

Quando o conto foi publicado pela primeira vez, acabei não incluindo nenhuma explicação sobre o significado das letras citadas por Lucas em seu diário, todas vindas de músicas da banda inglesa Arctic Monkeys. Decidi consertar isso na republicação:

**You’re rarer than a can of dandelion and burdock, and those other boys are just post-mix lemonade.**
Você é mais raro do que uma latinha de *dandelion and burdock*, e os outros meninos não passam de limonada pronta.

[“Dandelion and burdock” é uma bebida britânica clássica, feita de dente-de-leão fermentado e raíz de bardana — bem poção de Harry Potter, mesmo. “Post-mix lemonade” seria a limonada servida em uma máquina de refrigerante, daquelas comumente vistas em redes de fast-food e praças de alimentação.]

**Be cruel to me ‘cause I’m a fool for you**
Seja cruel comigo, porque sou um bobo por você.

**And you talk the talk alright, but do you walk the walk or catch the train?**
Você fala muito, mas será que tem coragem de tomar uma atitude?

**I poured my aching heart into a caderno de dez matérias**
Derramei meu coração dolorido em um caderno de dez matérias.

[Da letra original, “Derramei meu coração dolorido em uma música pop”. Possivelmente minha frase preferida do conto todo.]

**And I can’t help myself, all I wanna hear you say is “Are you mine?” Well, are you mine?**
E não consigo me segurar, tudo o que quero ouvir você dizer é: “Você é meu?” Bom, você é meu?

**Yes**
Sim.

# Sobre o autor

**André Caniato** nasceu e cresceu em Pontes Gestal, no interior de São Paulo. Além de escritor, é tradutor formado com mania de crítico, Policarpo pseudocult, ex-vlogger, modelo plus size, ator, cantor e apresentador.

***

**Twitter** | **Newsletter**

# Leia também…

**Danaus plexippus**

Na luta com todas as responsabilidades da vida adulta, Clara tem certeza de que as coisas não podem piorar, mas, quando atos de sua infância voltam para assombrá-la, ela acaba descobrindo que muitas surpresas ainda a esperam.